



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de pós-graduação em educação - Doutorado em Educação

Tony Charles Labanca Correia

**A EXPERIÊNCIA DO CINEMA EDUCATIVO NO BRASIL E NA ARGENTINA
AO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Belo Horizonte
2020

Tony Charles Labanca Correia

**A EXPERIÊNCIA DO CINEMA EDUCATIVO NO BRASIL E NA ARGENTINA
AO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Simão Pedro Pinto Marinho

Área de Concentração: Educação Escolar E
Profissão Docente

Belo Horizonte

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C824e Correia, Tony Charles Labanca
A experiência do cinema educativo no Brasil e na Argentina ao início do século XX / Tony Charles Labanca Correia. Belo Horizonte, 2020.
164 f. : il.

Orientador: Simão Pedro Pinto Marinho
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Educação

1. Instituto Nacional de Cinema Educativo (Brasil). 2. Cinema na educação - Argentina - Séc. XX. 3. Cinema na educação - Brasil - Séc. XX. 4. Ensino audiovisual. 5. Didática - Argentina. 6. Didática - Brasil. 7. Ensino - Metodologia. 8. Comunicação de massa. I. Marinho, Simão Pedro Pinto. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37.014.2

Tony Charles Labanca Correia

**A EXPERIÊNCIA DO CINEMA EDUCATIVO NO BRASIL E NA ARGENTINA
AO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de doutor em Educação.

Área de Concentração: Educação Escolar E Profissão Docente

Prof. Dr. Simão Pedro Pinto Marinho – PUC-Minas (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Lorene dos Santos Banca – PUC-Minas (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Doutora Márcia Azevedo Coelho – UNICAMP (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Marcelo Diniz Monteiro de Barros – UEMG (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Lúcia Gouvêa Pimentel – UFMG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 22 dezembro de 2020

APRESENTAÇÃO e AGRADECIMENTOS

A imanência do ser

Não me lembro da primeira vez que fui ao cinema, mas me lembro da primeira vez que fui ao teatro: O mágico de OZ. O fascínio foi maior, quando vi o filme pela primeira vez junto com o meu pai na TV. Meu pai me apresentava os filmes que viu no cinema, quando jovem, todos clássicos. Fazia o meu eu gostar, antes mesmo de assistir. Comprava todos os LPs dos filmes e colocava para ouvirmos todo domingo, no calor da piscina construída à prestação.

Por ser professor, ele não tinha tempo durante o ano para ficar muito conosco, por isso, só nas férias, a ida ao cinema. Pedagogia da minha mãe, claro! Depois de ver quase todos os clássicos brasileiros infantis, ele achou que eu já era grande para assistir “Kuarup”, do diretor Ruy Guerra. Nas primeiras cenas, com mulheres peladas representando as indígenas, ele me tirou correndo da sala. Foi a primeira vez que saí no meio de uma sessão de cinema. Só fui entender mais tarde a censura que aconteceu, entendi também o motivo pelo qual, naquele dia, eu ganhei um sapato, uma coca, e um pedido severo: não conta para sua mãe sobre o filme, viu?

Mais velho, já pude ir sozinho ao cinema e me sentia um pouco inconformado por tanta riqueza não entrar na escola. O único filme que vi em toda a minha jornada estudantil foi “A onda”, mostrado por um professor de História (melhor amigo do meu pai) em um banco duro e frio de colégio. Prestei muita atenção e depois discutimos o filme. Nunca mais depois dali. Nem na faculdade, nem na pós-graduação. O cinema parecia/parece ser um estranho para esses lugares.

Ao final do Ensino Médio, perguntei à professora de Geografia se poderia apresentar o meu trabalho final em forma de vídeo. Ela achou estranho e sem propósito, mas concordou. Tomada quase única, sem edições – não sabíamos como fazer. Além de a máquina de filmar pesar uns cinco quilos. Foi uma experiência excelente! Apresentamos para todas as turmas e tentamos convencê-la de que aquele poderia ser um elemento diferente da sua aula. Não deu muito certo, eu e meus colegas encerramos ali nossa promissora carreira de cineasta, e não se ouviu falar mais de cinema naquela escola.

O cinema passou longe da minha formação, mas passou rente a minha educação. Foi por ele que aprendi aquilo que tento mais ensinar: empatia. Como professor de linguagens, eu trouxe o cinema para a sala de aula e amalgamado aos

objetivos de cada escola em que trabalhei. Usei e uso o cinema, em sala de aula, como forma de descentramento, com projetos que ajudam cada aluno a compreender melhor o mundo, as linguagens do mundo. Afinal, uma linguagem, como a cinematográfica, vai do espectro da fotóptica à química do carbono, do verbo aos silêncios. Para essa nova geração, que nos atopeia em tempos e presentes, tudo é fotografia. Tudo é self. Tudo pode se transformar em movimento, num frenesi espetaculoso, num *looping* eterno, tudo pode virar filme.

E foram essas prerrogativas do tempo, do espaço e do movimento, em um mundo em que o passado foi marcado pelo uso de um tipo específico de cinema, que motivaram toda a minha curiosidade para compreender o mundo, compreender essa arte. Compreender o mundo através dessa arte.

Só por esse trajeto até aqui, eu já tenho que agradecer.

Agradeço aos meus queridos pais, às minhas destemidas irmãs, à sobrinha mais linda do tio e aos amigos; a cada um deles o meu maior respeito e amor.

Agradeço ao meu orientador, pela precisão, pelos ensinamentos, pelo acolhimento, pelo conhecimento. Hoje, conhecimento virou resistência. Conhecimento é resistência: talvez seja, realmente, a única coisa que de fato sabemos.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) pelo apoio, tal como agradeço à Associação Nacional de Educação Católica do Brasil. (ANEC). Agradeço também ao Sindicato dos Professores de Minas Gerais.

Por último, e não menos importante, eu agradeço a você, leitor.

Tony Charles Labanca Correia

“Só quem assistiu à infância do cinema no Brasil pode avaliar o que era essa magia dominical das fitas francesas e italianas, sonho da semana inteira.”

ANDRADE, Carlos Drummond de. Tempo, vida, poesia (entrevistas à Rádio MEC). Rio de Janeiro: Record, 1986.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a gênese do uso do cinema educativo no Brasil e na Argentina. Nos dois países, o uso do cinema, como instrumento pedagógico em sala de aula, aconteceu de forma simultânea no início do século XX. No Brasil, ele chega no trilho do imaginário que se tinha de modernidade, com discussões que polarizavam entre o seu uso para a reprodução do ideário de nação moderna e seu uso para a reprodução de um país agrícola, sertanejo. Já na Argentina, o cinema educativo estava totalmente estreito à ideia positivista que marcou a forma como aquela sociedade se olhava. Um cinema educativo voltado para a higienização, para a ciência e distante de qualquer ensejo que poderia desvirtuar o cidadão ordeiro, mediano, trabalhador. Os filmes educativos produzidos aproximavam os seus procedimentos de ensino aos modelos de aula conhecidos até então. Como sustentação, este trabalho voltou-se, primeiramente, para uma revisão histórica de grande parte das pesquisas desenvolvidas sobre o tema. Pesquisas essas datadas não só na primeira metade do século passado, como também em recentes teses, artigos e livros que buscaram compreender a diversidade contextual que envolveu o uso desse cinema no Brasil e na Argentina. Nessa trilha metodológica, não foi possível trazer, em pesquisa, análise e discussão, os filmes produzidos pela Argentina, uma vez que seu acervo não está disponível à pesquisa, contudo, ao longo dos últimos três anos, toda a documentação histórica de periódicos voltados à educação foi disponibilizada pela Biblioteca Nacional do Ministério da Educação Argentino. No Brasil, por outro lado, dentre os mais de quatrocentos filmes educativos produzidos para a educação, a metade está preservada e disponível on-line à consulta. Essa disponibilidade permitiu, como parte do percurso proposto, uma curadoria minuciosa capaz de sustentar as proposições apresentada. Como parte dos resultados, chegou-se à conclusão de que a sistematização do uso do cinema educativo na Argentina, diferentemente do Brasil, mostrou-se mais acurado e preparado, em sua proposta educativa, considerando não só os registros que atestam seu planejamento enquanto estratégia de ensino, como também a sua regularidade até os dias de hoje.

Palavras-chave: Educação. História. Cinema educativo. Brasil. Argentina.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the genesis of the use of educational cinema in Brazil and Argentina. In both countries, the use of cinema as a pedagogical instrument in the classroom took place simultaneously in the early 20th century. In Brazil, it comes on the path of the imaginary of modernity, with discussions that polarized between its use for the reproduction of the idea of a modern nation and its use for the reproduction of an agricultural, country. In Argentina, educational cinema was totally close to the positivist idea that marked the way that society looked at itself. An educational cinema geared towards hygieneering, science and distant from any opportunity that could distort the orderly, average, hardworking citizen. The educational films produced brought their teaching procedures closer to the classroom models known until then. To seek support for this work, turned, first, to a historical review of most of the research developed on the subject. These researches were dated not only in the first half of the last century, but also in recent theses, articles and books that sought to understand the contextual diversity that involved the use of this cinema in Brazil and Argentina. In this method, it was not possible to bring, in research, analysis and discussion, the films produced by Argentina, since its collection is not available for research, however, over the past three years, all the historical documentation of periodicals focused on education was made available by the National Library of the Argentine Ministry of Education. In Brazil, on the other hand, among the more than four hundred educational films produced for education, half are preserved and available online for consultation. This availability allowed, as part of the proposed approach, a thorough curation capable of supporting the proposition presented here. As part of the results, it was concluded that the systematization of the use of educational cinema in Argentina, unlike Brazil, proved to be more accurate and prepared in its educational proposal, considering not only the records that attest to its planning as a strategy for teaching, as well as its regularity until today.

Key words: Education. History. Educational Cinema. Brazil. Argentina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Henri de Waroquier (Mythologie: Léda et le cygne)	20
Figura 2 - Proyector de filmes movido a querosene.....	39
Figura 3 – Revista Caras y Caretas – 1930.....	124
Figura 4 - Revista Caras y Caretas. Publicidad de máquinas de lavar, 1930.....	125

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. O cinema educativo: de onde, por onde, para quem	13
2. A CAPTURA DO TEMPO.....	20
2.1. Sobre o surgimento do cinema.....	20
2.2. O tempo que mudou a escola	25
2.3. A experiência do cinema educativo no Brasil e na Argentina.....	27
2.4. Apresenta-se uma tese	31
3. UMA POSSÍVEL LEITURA DO PERCURSO DA IMAGEM.....	40
3.1. As massas que erigiram o cinema.....	40
3.2. O cinema às massas/das massas.....	43
3.3. A formação da cultura da imagem.....	47
3.3.1. Romantismo e Realismo	47
3.3.2. Cinema educativo e a forma espetacularizada da vida cotidiana ...	49
3.3.3. O conhecimento produzido através da imagem: uma contribuição da Filosofia.....	51
4. A GÊNESE DO CINEMA EDUCATIVO NO BRASIL E SUAS INTERFACES POLÍTICAS	59
4.1. Um novo entretenimento para as novas configurações do urbano	59
4.2. O Instituto Nacional de Cinema Educativo	65
4.3. O tipo de cinema levado à sala de aula	68
4.4. O cinema educativo na esteira das Leis Educacionais.....	70
4.5. Algumas contradições teóricas	76
4.6. O cinema educativo em sala de aula	79
4.7. O caso brasileiro	84
4.8. Um filme por vir	86
4.8.1. O cinema “estéril”	96
4.9. A escolha metodológica dos filmes brasileiros para a análise.....	100
4.10 A análise possível de alguns filmes educativos brasileiros	102
5 A GÊNESE DO CINEMA EDUCATIVO NA ARGENTINA E SUAS INTERFACES POLÍTICAS	109
5.1 Um novo entretenimento para as novas configurações do urbano	109
5.2 O Instituto de Cinema na Argentina	118
5.3 O tipo de cinema levado à sala de aula	122
5.4 O cinema educativo argentino	132

5.4.1	O roteiro dos filmes educativos argentinos	136
5.4.2	Um <i>éthos</i> para análise.....	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS		143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		150
DOCUMENTOS CONSULTADOS		161
FILMES ANALISADOS.....		163